ISSN 2357-8203

Revista Colineares

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem

Volume 11 - Número 2 - Ano 2026

https://doi.org/10.59776/2357-8203.2026.8092

UMA ABORDAGEM SOCIOCRÍTICA DE CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO: A JUVENTUDE À MARGEM DA SOCIEDADE

A SOCIO-CRITICAL APPROACH TO CAPITÃES DA AREIA BY JORGE AMADO: YOUTH ON THE MARGINS OF SOCIETY

Deborah Vitória Souza da Silva[1]
https://orcid.org/0009-0002-4958-1945

Josivaldo Custódio da Silva[2]
https://orcid.org/0000-0001-7187-5697

RESUMO: Na literatura brasileira, a marginalização juvenil é um tema frequentemente explorado como reflexo das desigualdades sociais. Nesse sentido, o presente estudo analisa o romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (2009), à luz da abordagem Sociocrítica, fundamentada em autores como Edmond Cros (1973), Pierre Barbéris (1989; 1997) e Antonio Candido (1995; 2012). O objetivo da pesquisa foi compreender como a obra representa a juventude marginalizada de Salvador na década de 1930, evidenciando relações de poder, controle social, pobreza e exclusão, e como essas questões se mantêm relevantes no contexto contemporâneo. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de natureza básica e exploratória, com procedimentos bibliográficos e análise de conteúdo de trechos selecionados do romance. Constatamos que Amado constrói uma narrativa em que os meninos de rua são protagonistas, expondo a violência institucional, a desigualdade social e a invisibilidade social que marcam suas vidas. A obra revela que a marginalização não é fruto do acaso, mas resultado de estruturas sociais e culturais que reproduzem a exclusão. Assim, *Capitães da Areia* atua como instrumento de denúncia e de humanização, convidando o leitor a refletir criticamente sobre a injustiça social e a empatia para com os marginalizados.

Palavras-chave: Capitães da Areia, Jorge Amado, Juventude, Sociedade, Sociocrítica.

[1] Professora de Português e Inglês. Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6808651342111938. E-mail: deborah.vitoriasouza@upe.br

[2] Doutor em Literatura e Cultura e Pós-Doutor em Teoria da Literatura. Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3463794887444496. E-mail: josivaldo.silva@upe.br

ABSTRACT: In literature, youth marginalization is a recurring theme that reflects social inequalities. This study analyzes the novel *Capitães da Areia*, by Jorge Amado (2009), through a Sociocritical approach based on authors such as Edmond Cros (1973), Pierre Barbéris (1989; 1997), and Antonio Candido (1995; 2012). The research aims to understand how the work represents marginalized youth in Salvador during the 1930s, highlighting power relations, social control, poverty, and exclusion, and how these issues remain relevant in contemporary society. The study adopts a qualitative, basic, and exploratory approach, using bibliographic procedures and content analysis of selected passages from the novel. We have observed that Jorge Amado constructs a narrative in which street children are protagonists, exposing institutional violence, social inequality, and social invisibility that shape their lives. The novel demonstrates that marginalization is not accidental but the result of social and cultural structures that perpetuate exclusion. Therefore, *Capitães da Areia* functions as an instrument of social critique and humanization, inviting readers to reflect critically on social injustice and empathy toward marginalized individuals.

Keywords: Capitães da Areia, Jorge Amado, youth, society, sociocriticism.

1 INTRODUÇÃO

Jorge Amado (1912-2001) é um dos escritores mais conhecidos no Brasil e marcou a literatura com histórias que mostram a vida e a cultura da Bahia. Nasceu em Itabuna, no estado da Bahia e publicou seu primeiro livro *O País do Carnaval*, em 1931, ainda jovem. Desde o começo de sua trajetória literária, seus livros revelam um olhar atento para as desigualdades sociais e para a realidade das pessoas comuns. Seus romances mais famosos, entre eles, *Capitães da Areia* (1937) mostram tanto os problemas sociais quanto à riqueza cultural do Brasil. Ele privilegiava retratar personagens marginalizados, trabalhadores e crianças de rua, mas também trazia humor, emoção e sensações de maneira envolvente, aproximando o leitor da vida dos seus personagens.

Ao longo da carreira, Jorge Amado passou por diferentes estilos, ora com obras mais críticas e engajadas, ora com histórias mais regionais e festivas, mas sempre mantendo a atenção às pessoas e às injustiças que enfrentavam. O seu trabalho ganhou reconhecimento internacional, foi traduzido para vários idiomas e adaptado para o cinema, a TV, o teatro, deixando um legado importante para a literatura brasileira. Essa relevância se relaciona à maneira como a obra representa as desigualdades sociais presentes na sociedade soteropolitana de seu tempo, aspecto que se torna fundamental para compreender o contexto histórico e social retratado no romance *Capitães da Areia*, por exemplo.

Segundo Jessé Souza (2007), na década de 1930, Salvador apresentava profundas desigualdades sociais, resultado da herança colonial e do crescimento urbano desordenado. As elites concentravam-se na cidade alta, enquanto os negros trabalhadores pobres eram relegados à periferia e às áreas mais insalubres. A urbanização, marcada pela expansão irregular e pela falta de políticas públicas adequadas, intensificava a segregação social e espacial, evidenciando a exclusão de grande parte da população. Essa realidade de marginalização, pobreza e ausência de oportunidades formava o contexto em que muitas crianças e adolescentes eram

obrigados a sobreviver nas ruas da cidade. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a obra *Capitães de Areia*, de Jorge Amado (2009), por meio de uma abordagem sociocrítica.

Como objetivos específicos temos: discutir a representação da juventude marginalizada e sua relação com as desigualdades sociais e de poder no contexto de Salvador de 1930 e em diálogo com a sociedade contemporânea; investigar as relações de poder presentes na obra; e examinar de que maneira as desigualdades sociais, a marginalização da juventude e as relações de poder ainda estão presentes hoje em dia.

Desde a primeira leitura, observamos que a obra retrata a juventude marginalizada de Salvador, explorando suas condições de vida, relações de poder e a interação dos personagens com o espaço urbano e natural. A Sociocrítica, enquanto perspectiva teórica, permite investigar como o ambiente tanto físico quanto social molda as experiências desses jovens e reflete as desigualdades de uma sociedade marcada por exclusão e injustiça.

Os protagonistas, isto é, o bando de menores abandonados como espécie de protagonista coletivo, de *Capitães da Areia* constituem um grupo de meninos que vivem à margem da sociedade, lutando pela sobrevivência em meio à pobreza e à violência. Nesse contexto, o romance aborda questões centrais como a desigualdade social, a ausência de oportunidades e a negligência das instituições responsáveis pela proteção dos mais vulneráveis. A partir da trajetória desses jovens, Jorge Amado constrói uma narrativa que evidencia as contradições sociais de seu tempo e convoca o leitor a refletir sobre as condições de vida dos excluídos, bem como sobre a urgência de políticas públicas capazes de assegurar direitos e dignidade à juventude marginalizada.

Nesse contexto, a problemática abordada por esta pesquisa envolve a análise de como os jovens do grupo *Capitães da Areia* conseguem sobreviver em meio ao abandono social, à ausência de assistência governamental e às condições de extrema precariedade, enfrentando, ainda, a violência praticada pelas autoridades. A análise será complementada por fontes secundárias, como artigos acadêmicos, livros, estudos sociológicos e documentos históricos que contextualizam a Salvador da década de 1930.

A escolha pela abordagem sociocrítica se justifica pela necessidade de compreender *Capitães da Areia* em sua relação com as condições sociais e históricas da época em que foi produzida, considerando as representações sociais presentes na narrativa. A sociocrítica permite uma análise mais profunda das estruturas de poder e das relações sociais presentes na obra, além de possibilitar uma reflexão crítica sobre as desigualdades e opressões que afetam a juventude marginalizada. Essa abordagem, ao se centrar nas questões sociais e políticas, possibilita uma compreensão mais ampla da obra e de suas implicações para a sociedade, tanto no contexto do passado quanto no presente.

O estudo utilizará a técnica da análise de conteúdo, visando identificar os temas centrais do romance, em especial a marginalização da juventude e as relações de poder presentes na narrativa, relacionando-os ao contexto histórico-social da época e às continuidades observáveis no Brasil contemporâneo. Essa escolha metodológica justifica-se pela necessidade de compreender a obra como criação literária, instrumento de denúncia social e reflexão crítica acerca das desigualdades que marcam a sociedade brasileira.

A investigação será estruturada em cinco eixos principais: introdução da pesquisa; fundamentos teóricos da Sociocrítica; procedimentos metodológicos; resultados e discussão dos dados; considerações finais.

2 A SOCIOCRÍTICA: FUNDAMENTOS E APLICAÇÕES NA ANÁLISE LITERÁRIA

A Sociocrítica se constitui como uma vertente de crítica literária que busca compreender a obra literária enquanto prática social, analisando as relações entre os textos, a sociedade e a ideologia. Ela se diferencia das abordagens tradicionais ao descrever a realidade social, e sobretudo, questionar as bases da ideologia e das estruturas do poder que revelem as desigualdades sociais nas entrelinhas da linguagem e na ordem social.

Segundo Claude Duchet (1979), a produção literária não é um espelho fiel da sociedade, mas um “espelho quebrado”, isto é, uma reconstrução simbólica da realidade social. Nessa perspectiva, o texto literário contém marcas históricas, culturais e ideológicas que revelam a forma como os sujeitos vivem e representam o seu tempo. Assim, a Sociocrítica se ocupa da análise dos processos por meio dos quais o social se manifesta na literatura. Segundo Pierre Barbéris (1997, p. 144) a literatura revela “[...] os combates e o sentido de ontem bem como os combates e o sentido de amanhã.” Ela demostra hipoteticamente os comportamentos humanos em possibilidades múltiplas.

Pierre Barbéris (1989) também reforça esse entendimento ao afirmar que a literatura funciona como uma espécie de engrenagem que produz sentidos diversos. Para o autor, cada texto literário carrega uma visão de mundo e um posicionamento ideológico, ainda que implícito, o que faz da literatura um espaço de circulação de discursos sociais.

Já Edmond Cros (1973) compreende a literatura como um campo interdiscursivo no qual diferentes vozes sociais estabelecem relações de conflito e diálogo, produzindo significados que ultrapassam a dimensão estética. Nessa perspectiva, o texto literário constitui um espaço de articulação de interesses sociopolíticos e culturais, permitindo analisar as tensões e contradições presentes na sociedade.

Dessa forma, a Sociocrítica possibilita analisar a literatura como uma forma de discurso social, em que se entrelaçam as relações de poder, ideologias e representações coletivas. Para além do estudo formal ou estético, trata-se de considerar o texto literário como testemunho crítico de sua época e, ao mesmo tempo, como espaço de resistência e questionamento. Neste sentido, a obra literária reflete desigualdades, tensões e conflitos, ao mesmo tempo em que os reescreve e ressignifica.

É importante distinguir a Sociocrítica da Sociologia da Literatura, uma vez que ambas compartilham o interesse pela relação entre literatura e sociedade, mas com abordagens diferentes. A sociologia da literatura preocupa-se sobretudo, com os aspectos externos da obra, circulação, recepção, instituições literárias e condições de produção. Trata-se, portanto, de uma perspectiva que estuda a literatura como fenômeno social em sua dimensão material e institucional. A sociologia da literatura, segundo Bourdieu (1996), ultrapassa a análise do texto em si, concentrando-se nas condições sociais que determinam sua produção, circulação e recepção, bem como nas relações de poder que estruturam o campo literário.

Já a Sociocrítica se concentra no texto literário em si, investigando como os elementos sociais se manifestam dentro da obra literária. Edmond Cros (1973) explica que a Sociocrítica não se limita a analisar o entorno social da literatura, mas busca compreender a forma como os discursos sociais se organizam no interior do texto, revelando ideologias e vozes coletivas que entrecruzam no interior da narrativa.

A Sociocrítica possibilita interpretar a obra literária tanto como um objeto estético, quanto um espaço de denúncia das contradições sociais e de resistência às estruturas de poder. Ao considerar o texto literário como um lugar de discursos, esse método de análise permite identificar como autores utilizam a ficção para problematizar desigualdades, injustiças e marginalizações. Nesse sentido, a literatura assume um papel social ativo, capaz de revelar aquilo que muitas vezes é silenciado.

O romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (2009), exemplifica uma função de demonstrar ficcionalmente a juventude marginalizada de Salvador da década de 1930 ao expor as condições de pobreza, abandono e violência que atravessam a vida dos personagens. A narrativa, ao dar voz a sujeitos excluídos, torna-se um instrumento de resistência simbólica e de crítica às estruturas sociais da época. Nessa perspectiva, portanto, a Sociocrítica aqui contribui para a compreensão da literatura como um espaço ideológico, político e contestatório. Nesse sentido, a arte da palavra configura-se como um instrumento que, ao refletir a realidade, também intervém sobre ela, fomentando a reflexão crítica e possibilitando caminhos para a transformação social.

2.1 Literatura como representação social e instrumentação de denúncia

Segundo Antonio Candido (1995), a literatura constitui uma forma de expressão humana profundamente relacionada à vida social, participando da formação do sujeito e da sociedade. Em seu ensaio “O direito à literatura”, o crítico defende que o acesso ao texto literário constitui um direito universal, uma vez que a literatura contribui para a formação integral do indivíduo, ampliando sua visão de mundo, sua sensibilidade e sua capacidade crítica.

Nessa perspectiva, a função social da literatura se manifesta em dois níveis: individual e coletivo. No plano individual, a literatura humaniza, desperta sentimentos, estimula a imaginação e permite ao leitor reconhecer-se e refletir sobre a sua própria experiência. Já no plano coletivo, ela atua como instrumento de memória e resistência, trazendo à tona vozes e realidades muitas vezes silenciadas. Para Antonio Candido, ao mesmo tempo que proporciona prazer estético, a literatura possibilita que diferentes grupos sociais se vejam representados, questionando as desigualdades e promovendo o exercício da cidadania. Essa concepção evidencia, na reflexão de Candido, a dimensão humanizadora da literatura, já que:

> A literatura pode ser encarada sob o ponto de vista da sua função humanizadora, isto é, como algo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como a reflexão, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (Candido, 1995, p. 249).

Assim, ao considerar a literatura como prática social, Candido rompe com a visão que o restringe ao campo de entretenimento ou erudição. Ele demonstra que o texto literário é espaço de circulação de ideologias, de denúncia das injustiças e de afirmação de valores coletivos. Nesse sentido, a função social da literatura se manifesta na formação de consciências, no tensionamento das estruturas de poder e na contribuição para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Como sintetiza o autor: “A literatura pode formar; mas não no sentido da catequese, e sim no sentido de nos tornar mais sensíveis e mais abertos à experiência do outro” (Candido, 1995, p. 182).

Em *Capitães da Areia* prevalece o tempo cronológico, acompanhado de forma muito marcante pelo tempo histórico e social. A narrativa evidencia, de forma contundente, as desigualdades sociais que marcam a infância e a juventude marginalizadas. Logo no início do romance os meninos são apresentados como “filhos da cidade, sem pai nem mãe, sem casa nem comida, sem família nem proteção. Eram como cães vadios, mas cães que sabiam odiar” (Amado, 2009, p. 23). A falta de vínculos familiares e de condições básicas de sobrevivência evidencia a marginalização do indivíduo e denuncia um sistema social que o abandona. Nesse sentido, a literatura cumpre o papel que Candido (1995, p. 175) atribui a ela, ao afirmar que há uma “necessidade universal, que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo exercício da ficção e da fantasia do ser humano se reconhece e se compreende”.

2.2 Juventude marginalizada na literatura e na sociedade

A figura da juventude marginalizada tem ocupado espaço relevante na realidade social e nas representações literárias, uma vez que a exclusão, a violência e a ausência de perspectivas concretas de ascensão social marcam a vida de jovens em diferentes contextos históricos. Na literatura, esse grupo é frequentemente retratado como síntese das contradições sociais, sendo utilizado como recurso para denunciar desigualdades. Para Antonio Candido (1995), a literatura tem um papel essencial ao mostrar as condições de vida de diversos grupos sociais, possibilitando o reconhecimento dos mecanismos de exclusão e das formas de resistência existentes na sociedade. Assim, a juventude marginalizada, ao ser figurada em narrativas literárias, espelha a realidade e tensiona as estruturas que sustentam a marginalização.

Nesse sentido, a marginalidade juvenil deve ser compreendida como um fenômeno socialmente construído, resultado de processos históricos que relegam determinados sujeitos a uma condição de invisibilidade. Conforme destaca Bourdieu (1999, p. 126) as estruturas sociais tendem a “naturalizar as desigualdades, perpetuando a exclusão daqueles que não se enquadram nos modelos dominantes de sucesso e legitimidade.” A juventude pobre, principalmente a urbana, se encontra nesse enquadro, vivendo à margem das instituições formais e muitas vezes sendo reduzidas a criminalidade como única forma de sobrevivência.

Ao mesmo tempo, a literatura assume a função de problematizar tais questões, oferecendo espaço para dar voz a esses sujeitos. Segundo Zilberman (2009, p. 59), a narrativa literária pode ser interpretada como “um espaço de acolhimento simbólico do excluído, em que o marginalizado deixa de ser apenas estatística e se torna personagem, portador de subjetividade e histórias.” Nesse movimento, escritores comprometidos com a crítica social inserem personagens jovens em situação de exclusão para demonstrar a falência das instituições e denunciar a indiferença social.

Um exemplo significativo da literatura brasileira contemporânea é o romance *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, publicado em 1997, que aborda a trajetória de jovens inseridos em um contexto marcado pela desigualdade social, pela violência e pela marginalização. Assim como em *Capitães da Areia*, observamos a representação de uma juventude que cresce à margem da sociedade, sem acesso à educação, à moradia digna e às oportunidades básicas de sobrevivência. A obra de Paulo Lins evidencia que a violência e a criminalidade não surgem do acaso, mas são resultado de um contexto histórico e social que abandona esses jovens à própria sorte, reproduzindo ciclos de pobreza e exclusão. Dessa forma, tanto o romance de Jorge Amado quanto o de Paulo Lins, funcionam como importantes instrumentos de denúncia social, convidando o público a refletir sobre as desigualdades e sobre a urgência de políticas públicas voltadas para a infância e a juventude em situação de vulnerabilidade.

Em síntese, a representação da juventude marginalizada em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (2009), e em *Cidade de Deus*, de Paulo Lins (1997), estabelece um diálogo entre diferentes momentos da literatura brasileira, aproximados pela representação de sujeitos jovens inseridos em contextos de desigualdade, violência e exclusão social. O diálogo entre as obras evidencia diferentes formas de representação da marginalização juvenil e contribui para a reflexão sobre as contradições históricas e sociais que atravessam a vida desses sujeitos.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como de natureza básica, com abordagem qualitativa e objetivos exploratórios, uma vez que busca compreender as representações da juventude marginalizada presentes no romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, e as relações estabelecidas entre a obra literária e o contexto social em que foi produzida. A opção pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de interpretar os sentidos e significados construídos no texto literário, considerando suas dimensões históricas, sociais e ideológicas.

Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir da leitura e análise de obras teóricas e críticas relacionadas à Sociocrítica, como livros e artigos científicos. Também utilizamos estudos sobre literatura e sociedade que contribuem para a compreensão das desigualdades sociais e das relações de poder representadas na narrativa ficcional, aqui tendo como *corpus Capitães da Areia*, de Jorge Amado (2009). Dessa forma, como aporte teórico-metodológico, adotamos a perspectiva sociocrítica, fundamentada principalmente nos estudos de Edmond Cros (1973), Pierre Barbéris (1989) e Antonio Candido (1995; 2012). Portanto, essa abordagem possibilita compreender a obra literária não apenas em sua dimensão estética, mas também como um espaço em que se manifestam discursos sociais, ideologias e conflitos inerentes ao contexto histórico em que foi produzida.

Para a interpretação dos dados, utilizamos a análise de conteúdo, por meio da seleção e exame de trechos do romance que evidenciam aspectos relacionados à marginalização da juventude, às desigualdades sociais e às relações de poder presentes na sociedade baiana da década de 1930. A análise desses fragmentos permitiu estabelecer aproximações entre a realidade retratada por Jorge Amado e problemáticas ainda observadas na sociedade contemporânea, evidenciando a atualidade da obra e sua função de denúncia social.

Desse modo, a pesquisa procura compreender de que maneira *Capitães da Areia* representa a condição da juventude marginalizada e como a literatura, enquanto prática social, constitui um importante instrumento de reflexão crítica acerca das desigualdades e das formas de exclusão que atravessam a sociedade brasileira.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Numa perspectiva de abordagem sociocrítica, a análise busca compreender como a obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (2009), representa um meio de denúncia e reflexão na narrativa brasileira. A obra foi examinada a partir de trechos selecionados que evidenciam a exclusão social, a violência institucional e as estratégias de resistência dos personagens, permitindo compreender como a literatura reflete e problematiza as desigualdades sociais.

4.1 Relações de poder e controle social na obra *Capitães da Areia*

Em *Capitães da Areia*, a narrativa retrata a realidade de crianças e adolescentes abandonados nas ruas de Salvador, evidenciando as relações de poder e os mecanismos de controle social que atravessam suas trajetórias. A obra expõe as condições de exclusão e marginalização vivenciadas por esses jovens, conforme se observa no seguinte trecho da obra:

> As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave mestre, sr. redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos. (Amado, 2009, p. 18).

A partir da ótica de um narrador onisciente, esse fragmento reforça a denúncia de Jorge Amado quanto ao caráter punitivo da instituição destinada às crianças abandonadas, aqui denominadas como *Capitães da Areia*. Em vez de oferecer uma função educativa e protetiva, tal espaço opera como mecanismo de repressão e violência, contribuindo para aprofundar a exclusão social desses jovens. Nesse sentido, a narrativa transcende o aspecto literário e adquire contornos sociocríticos, permitindo compreender como o poder se materializa nas estruturas sociais e como essas crianças são alvos privilegiados de dispositivos de controle.

Observamos que a marginalização dos personagens é consequência da organização social desigual. O estado e a elite baiana, representados em diversos momentos da narrativa, utilizam instituições como polícia, a justiça e até mesmo a imprensa como instrumentos de perpetuação de *status*, conforme lembra Foucault (2014, p. 249) “Onde há poder, ele se exerce”, ou seja, o poder é uma relação que se manifesta em práticas cotidianas e que busca disciplinar corpos e condutas. Em *Capitães da Areia*, essa disciplinarização se dá pela repressão policial e pela criminalização da infância pobre.

A polícia, em particular, surge como uma das principais faces do controle social. Em diversas passagens da obra, os meninos são perseguidos, espancados e encarcerados em condições desumanas, o que evidencia a função repressiva das forças de segurança. Essa realidade também se manifesta no tratamento dispensado aos menores encaminhados ao reformatório, como denuncia a mãe de um dos

internos, ao afirmar: “O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e três vezes por dia” (Amado, 2009, p.16). Essa situação evidencia a violência institucional legitimada pelo Estado, que, em vez de garantir os direitos das crianças e dos adolescentes, recorre a práticas punitivas que reforçam sua marginalização social.

Outra dimensão importante do poder representada no romance é o papel da imprensa. O jornal, ao noticiar os delitos atribuídos ao grupo, reforça estereótipos e constrói uma imagem pública que condena os jovens antes mesmo de qualquer possibilidade de defesa. Essa prática remete ao que Bourdieu (1999, p. 22) chama de “poder simbólico”, ou seja, a capacidade de impor uma visão de mundo como se fosse natural. No caso dos *Capitães da Areia*, a imprensa atua como um dispositivo de controle ideológico, fabricando a percepção que esses jovens são perigosos, o que justifica a repressão e naturaliza a exclusão.

A obra de Jorge Amado revela que o controle social também se manifesta na forma como os jovens marginalizados são percebidos e tratados pela sociedade. As constantes perseguições e exclusões contribuem para a construção de uma identidade social marcada pelo estigma da marginalidade, que atravessa as relações desses sujeitos com as instituições e com os demais grupos sociais. Nesse sentido, a narrativa evidencia como as desigualdades sociais e as relações de poder contribuem para a produção e a manutenção de posições de marginalidade, revelando as contradições presentes na sociedade retratada pelo autor.

Becker (2008, p. 34) afirma: “o desvio não é uma qualidade do ato cometido pela pessoa, mas uma consequência de aplicação, por outros, de regras e sanções”. A rotulação social, portanto, reforça o ciclo de marginalização, aspecto intensamente explorado por Jorge Amado em sua obra. Dessa forma, o autor baiano não apenas construiu uma narrativa que descreve episódios de violência, mas também revela como estruturas sociais e culturais produzem e reproduzem a marginalização.

4.2 Desigualdades sociais presentes na obra

A cidade de Salvador na década de 1930 era marcada por profundas desigualdades sociais e raciais. A cidade, ainda influenciada por uma estrutura escravocrata recente, revela um contraste gritante entre a elite branca, concentrada em áreas centrais e litorâneas, e a população pobre, negra e mestiça, que vivia em becos, cortiços e morros. Nesse período, o Brasil passava por transformações políticas com a revolução de 1930 e o início do governo de Getúlio Vargas, mas as melhorias prometidas não alcançavam as camadas populares. Em Salvador, as crianças de ruas que eram abandonadas pela família e pelo estado simbolizavam o fracasso das instituições sociais que marginalizavam os mais pobres desde a infância.

Jorge Amado (2009), em *Capitães da Areia*, retrata essa realidade com força e sensibilidade. O romance, numa perspectiva sociocrítica, apresenta um grupo de meninos abandonados que vivem em um trapiche, sobrevivendo de pequenos furtos, em que o autor dá voz aos excluídos e denuncia a indiferença da sociedade e das autoridades diante da pobreza e da desigualdade. Logo no início, por um viés sociocrítico, o narrador mostra como a imprensa descreve os meninos como criminosos, sem reconhecer o contexto que levou a marginalidade:

> O que se faz necessário é uma urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos institutos de reforma de crianças ou às prisões (Amado, 2009, p. 09-10).

Esse trecho evidencia a ironia no romance: o sistema que deveria proteger as crianças, as condena ao abandono. A cidade marginaliza os meninos, mas não oferece alternativas como: escola, lar ou moradia digna. A pobreza é um elemento que está presente na obra, ela é uma condição material e um destino social imposto. Essa denúncia se amplia quando o narrador descreve o cotidiano dos meninos e a precariedade de suas vidas:

> Ali estavam mais ou menos cinquenta crianças, sem pai, sem mãe, sem mestre. Tinham de si apenas a liberdade de correr nas ruas. Levavam vida nem sempre fácil, arranjando o que comer e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes pedindo esmola. E o grupo era de mais de cem crianças, pois muitas outras não dormiam no trapiche. (Amado, 2009, p. 44).

A falta de oportunidades leva a criminalização da pobreza, e os personagens acabam sendo moldados por uma estrutura que os rejeita desde cedo. O narrador denuncia a ausência do Estado. O sistema educacional aparece como um espaço inacessível aos pobres, e a religião e a caridade aparece mais como paliativos do que como soluções reais. Além disso, a desigualdade social é evidenciada nos contrastes da própria cidade. As luzes e os espaços da elite aparecem em oposição a miséria dos meninos: “as luzes do cais brilhavam para os ricos que voltavam dos bailes. Os meninos olhavam de longe, com fome e sono.” (Amado, 2009, p.25). Aliás, no romance o espaço que prevalece é a cidade de Salvador, com foco principal e simbólico no trapiche (um velho armazém abandonado junto ao cais, espécie de quartel-general para os jovens).

Esse contraste visual representa a segregação espacial e econômica. A elite desfruta da cidade iluminada e próspera, enquanto os meninos permanecem nas sombras, privados de dignidade e reconhecimento humano. Outro momento importante, de viés sociocrítico e também de crítica social está na forma como o Estado lida com esses jovens. A violência institucional aparece como ferramenta de controle e exclusão. “O chefe de polícia jurava acabar com eles, custasse o que custasse. Não lhe importava que fossem crianças.” (Amado, 2009, p. 35). Aqui o narrador evidência a brutalidade do poder público, que prefere eliminar os pobres em vez de compreender as causas de sua condição. Essa relação de poder reflete uma sociedade que naturaliza a repressão e ignora a justiça social. Por outro lado, há momentos em que o narrador tenta humanizar as crianças, sem qualquer rótulo, reconhecendo-as primeiro como indivíduos plenos, com direitos, sentimentos e histórias únicas, contrapondo-se ao olhar criminalizador que cercava aquelas crianças, como nas falas dos personagens Sem-Pernas e Pirulito:

> O que ele queria era felicidade, era alegria, era fugir de toda aquela miséria, de toda aquela desgraça que os cercava e os estrangulava. Havia, é verdade, a grande liberdade das ruas. Mas havia também o abandono de qualquer carinho, a falta de todas as palavras boas. Pirulito buscava isso no céu, nos quadros de santo, nas flores

> murchas que trazia para Nossa Senhora das Sete Dores, como um namorado romântico dos bairros chiques da cidade traz para aquela a quem ama com intenção de casamento. (Amado, 2009, p.35-36).

Esse fragmento sintetiza a visão sociocrítica da obra: a miséria, e não a maldade, é o verdadeiro motor da marginalização. Através dessa perspectiva, o narrador questiona a estrutura social e convoca o leitor a empatia. Pedro Bala, líder do grupo, simboliza a resistência a esse sistema opressor. Sua trajetória é marcada pela luta por sobrevivência e pelo desejo de liberdade (reflexo da juventude oprimida de sua época). O narrador utiliza-se de uma linguagem popular, diálogos vivos e descrições detalhadas dos espaços para tornar a desigualdade palpável. Assim, a cidade de Salvador transforma-se em um personagem: contraditória, dividida entre luxo e a miséria, ela espelha o abismo social que o autor busca denunciar.

4.3 Marginalização da Juventude em *Capitães da Areia*

A marginalização da juventude é um dos eixos centrais de *Capitães da Areia.* Jorge Amado constrói uma narrativa que expõe a exclusão das crianças e adolescentes de Salvador, revelando como uma sociedade desigual transforma a pobreza em crime e a infância em abandono. Os meninos de rua são vistos como ameaças à ordem pública. Assim, a obra denuncia a hipocrisia de uma elite que prefere esconder a miséria a encará-la como um problema social coletivo.

A sociedade da época via esses jovens com medo e desprezo. O narrador demonstra isso desde as primeiras páginas, quando os jornais sensacionalistas descrevem o grupo como uma “praga urbana”, reforçando o estigma e a criminalização da pobreza:

> O que se faz necessário é uma urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos institutos de reforma de crianças ou das prisões. (Amado, 2009, p. 9-10).

Esse trecho revela o papel da mídia na construção da imagem negativa desses jovens. Ao transformar crianças abandonadas em símbolos de perigo, a imprensa cumpre uma função ideológica: legitimar a repressão e desresponsabilizar o Estado. Sob essa ótica, a marginalização é fenômeno discursivo e político, ela nasce da forma como a sociedade escolhe narrar quem é “perigoso” e quem é “inocente”.

Nesse sentido, a literatura, conforme observa Antonio Candido (1995), cumpre um papel humanizador ao revelar as condições de exclusão e resistência presentes no tecido social, o que Jorge Amado realiza ao expor no romance a desigualdade que transforma crianças em inimigos públicos. Nessa perspectiva, Candido (2012) compreende o elemento social como parte da própria construção da obra literária, uma vez que ele pode atuar na constituição de sua estrutura. Em *Capitães da Areia*, essa dimensão se manifesta na representação da pobreza, do abandono e das desigualdades sociais que atravessam a trajetória dos meninos.

Os fatores sociais e econômicos que contribuem para essa exclusão são múltiplos: a ausência de políticas públicas, a pobreza estrutural e a herança escravocrata que ainda dividia a cidade entre o centro branco e o subúrbio negro. As famílias desestruturadas, a falta de acesso a escola e o desemprego completam esse ciclo de miséria. Jorge Amado retrata isso de forma contundente quando descreve o cotidiano dos meninos:

> Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que totalmente a amavam, os seus poetas. (Amado, 2009, p. 27).

Nesse cenário, a marginalização assume rostos concretos. Pedro Bala, João Grande, Professor, Gato e Sem-Pernas são personagens que representam diferentes respostas à exclusão. Pedro Bala encarna a liderança e a resistência; João Grande, a lealdade e a dignidade em meio à pobreza; Sem-Pernas, a dor e o ressentimento de quem carrega o peso do abandono. Em todos, o narrador evidencia a capacidade humana de sonhar, mesmo dentro da vida miserável que vivem.

A representação da juventude marginalizada aparece ainda na violência simbólica e física que sofrem. A polícia, em vez de proteger, é instrumento de opressão. A cena em que Sem-Pernas é perseguido pelos guardas evidencia a violência e a perseguição dirigidas às crianças que vivem à margem da ordem social. Encurralado, o personagem tenta escapar dos agentes policiais, enquanto rememora as experiências de violência sofridas anteriormente:

> Sem-Pernas corria de um lado para outro da rua, os guardas avançavam. Ele fez que ia escapulir por outro lado, driblou um dos guardas, saiu pela ladeira. Mas em vez de descer e tomar pela Baixa dos Sapateiros, se dirigiu para a praça do Palácio. Porque Sem-Pernas sabia que se corresse na rua o pegariam com certeza. (Amado, 2009, p. 242).

Nesse fragmento, o narrador apresenta a tragédia individual de Sem-Pernas e, ao mesmo tempo, evidencia a violência exercida pelas instituições de controle sobre crianças em situação de abandono. A marginalização também se expressa na invisibilidade social dos meninos, cuja presença nos espaços urbanos não lhes garante reconhecimento, proteção ou pertencimento social. Mesmo inseridos no cotidiano da cidade, permanecem afastados das condições de vida asseguradas aos grupos socialmente privilegiados. Em um dos momentos mais simbólicos, o personagem Professor desabafa: “Tu bem sabe que do meio da gente só pode sair ladrão...Quem quer saber da gente? Quem?” (Amado, 2009, p. 138).

Esse olhar que não enxerga é uma das críticas mais profundas da obra, um olhar de exclusão. A invisibilidade é uma forma de violência, porque retira desses jovens o direito de existir como sujeitos sociais. No romance, ao lhes dar voz e história, faz-se o movimento inverso: humaniza o que a sociedade desumaniza. Outro Fragmento na obra que reforça essa ideia mostra o personagem “Professor” encontrando um homem vestido com o um sobretudo engraçado e começou a desenhá-lo no chão com um giz, e a reação do senhor foi cruel. Vejamos:

> O professor achou o homem engraçado e com cara de sujeito de dinheiro e começou a fazer um desenho dele a giz no passeio. E ria de satisfação, porque provavelmente o homem lhe daria uma prata de dois mil réis. O homem voltou-se na sua cadeira e olhou o desenho

CC BY NC SA

> quase concluído. O professor ria, achava o desenho bom, mas o homem não gostou da coisa, se deixou possuir por uma raiva, levantou-se da cadeira e deu dois pontapés no professor. Um atingiu o menino nos rins e ele rolou pela calçada gemendo. (Amado, 2009, p. 96).

O episódio do personagem Professor ilustra a brutalidade das relações de classe representadas por Amado. O menino, ao tentar sobreviver por meio da arte, é punido pela própria sociedade que o rejeita. A violência física do homem simboliza a violência simbólica de uma estrutura que nega humanidade aos pobres. Como explica Goldmann (1976), a obra literária expressa uma visão de mundo produzida por uma determinada estrutura social. Nesse sentido, o gesto violento do homem contra Professor representa o modo como as classes dominantes veem os marginalizados: como corpos descartáveis e indignos de empatia.

Sob o olhar sociocrítico, *Capitães da Areia* revela que a marginalização é resultado de uma estrutura social injusta que reproduz a exclusão através do tempo. Essa leitura continua atual, pois as condições de vida de muitos jovens brasileiros ainda refletem essa mesma realidade. Em grandes centros urbanos, a juventude periférica enfrenta a falta de oportunidades o preconceito e a violência policial (elementos que ecoam a obra). Assim como os meninos de *Capitães da Areia*, muitos jovens contemporâneos vivem entre a resistência e a esperança, tentando romper o ciclo da desigualdade.

A análise sociocrítica permitiu compreender que a marginalização da juventude, ontem e hoje, não é fruto do acaso, mas de uma lógica social que privilegia uns e descarta outros. Ao representar os meninos de rua como protagonistas e não como delinquentes, Jorge Amado transforma sua obra literária em um manifesto de denúncia e empatia. O autor faz dela um espelho incômodo da sociedade, convidando o leitor a e enxergar as dores e o silêncio da juventude esquecida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos analisar *Capitães da Areia,* de Jorge Amado (2009), sob a perspectiva Sociocrítica, compreendendo a literatura como instrumento de denúncia social e reflexão sobre as estruturas de poder e exclusão. A análise realizada permitiu perceber que a marginalização das crianças e adolescentes abandonados de Salvador é consequência das desigualdades sociais e da distribuição injusta de oportunidades e recursos na sociedade. Isso porque vivemos em uma sociedade que prioriza o individualismo, centrada no capital. Dessa forma, grupos como os retratados na obra não tem oportunidades favoráveis para o seu desenvolvimento socioeconômico, ficando à mercê da rua.

A leitura da obra evidenciou como as instituições: a polícia, a justiça e a imprensa, atuam como mecanismos de controle social, legitimando a repressão e naturalizando a exclusão. Observamos também que a cidade de Salvador, mais do que cenário, representa um espaço simbólico das desigualdades, revelando os contrastes entre luxo e miséria, visibilidade e invisibilidade. A polícia representa o Estado e sua repressão, mostrando que a falta de políticas de amparo social não são prioridade do poder público.

Ao longo da análise, verificamos que os personagens principais, como Pedro Bala, João Grande e Professor, refletem distintas formas de resistência diante da opressão. Mesmo imersos na pobreza e no abandono, eles mantêm a capacidade

de sonhar e lutar, o que reforça o caráter humanizador da obra. Jorge Amado, ao dar voz a esses jovens, questiona a indiferença da sociedade e denuncia a violência institucional que transforma vítimas em culpados.

Dessa forma, a pesquisa realizada permitiu compreender que Capitães da Areia transcende o contexto histórico da década de 1930 e continua atual, pois as desigualdades e a marginalização da juventude ainda persistem em nossa realidade. Assim, a literatura se confirma como um espaço de resistência e reflexão crítica, capaz de despertar empatia e consciência social, evidenciando seu papel transformador na formação do leitor e na compreensão das injustiças do mundo.

Sendo assim, foi possível perceber que a obra de Jorge Amado retrata a dura realidade dos meninos de rua, e propõe uma reflexão sobre o papel do ser humano diante das injustiças sociais. O autor apresenta uma narrativa que vai além da ficção, pois denuncia, emociona e convida o leitor a repensar suas próprias atitudes diante do sofrimento do outro. Nesse sentido, *Capitães da Areia* torna-se um espelho da sociedade, revelando não apenas as mazelas da década de 1930, mas também as feridas ainda abertas em nosso tempo.

A leitura crítica da obra, à luz da Sociocrítica, possibilitou compreender como a literatura se configura como um importante instrumento de conscientização e transformação. Ao representar a exclusão e a luta dos jovens marginalizados, Jorge Amado dá voz aos esquecidos, denunciando um sistema que perpetua desigualdades e silencia aqueles que mais precisam ser ouvidos. Essa abordagem reforça a função social da literatura, que vai além do entretenimento e assume um papel formador, provocando reflexões sobre ética, cidadania e empatia.

Desse modo, este estudo contribui para a valorização da leitura literária como meio de compreensão da realidade e de formação de leitores críticos e conscientes. Através da análise sociocrítica, torna-se evidente que a arte e a literatura têm o poder de questionar estruturas opressoras, romper silêncios e inspirar mudanças.

Por fim, concluímos que *Capitães da Areia* permanece uma obra necessária, atual e profundamente humanizada. Sua leitura nos faz compreender que, enquanto houver desigualdade, abandono e exclusão, a voz dos “capitães da areia” continuará ecoando como um grito de resistência e esperança. Assim, reafirmamos que a literatura, quando lida sob uma perspectiva crítica, é capaz de despertar consciências, transformar o olhar do leitor e ampliar sua capacidade de posicionamento diante do mundo.

REFERÊNCIAS

AMADO. Jorge. Biografia, relevância, obras, frases. **Brasil Escola**. Disponível em: https://bra silescola.uol.com.br/literatura/jorge-amado.htm. Acesso em: 5 set. 2025.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BARBÉRIS, Pierre. A sociocrítica. *In*. BERGEZ, Daniel et al. **Métodos críticos para a análise literária**. Trad. Olinda M. R. Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 143-182.

BARBÉRIS, Pierre. **Introdução às práticas críticas**. Lisboa: Estampa, 1989.

BECKER, Howard S. ***Outsiders:*** estudos de sociologia do desvio. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte:** gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*. CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

CROS, Edmond. **Sociocrítica**. Madrid: Gredos, 1973.

DUCHET, Claude (Org.). **Sociocritique**. Paris: Nathan, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do romance**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira:** quem é e como vive. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura e exclusão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

Recebido: 04/06/2026
Aceito: 27/09/2026
Publicado: 31/10/2026

COMO CITAR:
SILVA, Deborah Vitoria Souza da; SILVA, Josivaldo Custódio da. Uma abordagem sociocrítica de Capitães da Areia, de Jorge Amado: a juventude à margem da sociedade. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 11, n. 2, p. 1–15, 2026. DOI: 10.59776/2357-8203.2026.8092. Disponível em: https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/8092.